

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ÁFRICA - ARQUITECTURA E URBANISMO DE MATRIZ PORTUGUESA

Universidade Autónoma de Lisboa, 27 e 28 de Janeiro de 2011

De Maputo à Beira, uma "selecção moderna"

Elisiário Miranda¹

A realização do 1º Congresso do Sindicato dos Arquitectos, em 1948, sinaliza a emergência de uma nova geração de profissionais portugueses. Alguns dos seus componentes, desapontados com a falta de encomendas particulares e eventualmente perseguidos pela polícia política, emigram para as colónias de Angola e Moçambique ao longo das décadas de 50 e 60. Uma vez em África, desenham os projectos para os edifícios habitacionais e infra-estruturais que o crescimento populacional e o acelerado desenvolvimento económico requerem.

A sua *praxis* profissional informa-se nos princípios do Movimento Moderno – utilização de sistemas construtivos industriais, materiais standardizados, optimização e flexibilização funcional e rigorosa adaptação climática dos edifícios –, fornecendo às entidades públicas locais e aos empreendedores privados os instrumentos que permitem a construção em larga escala nos tecidos urbanos recentemente projectados, ou em processo de expansão e consolidação. A sua produção arquitectónica inscreve-se no *Estilo Internacional* e assenta no pensamento e na prática Corbusianos - dos cinco pontos aos mecanismos para controlo da incidência solar sobre a superfície do *pan de verre*. Proliferam na sua arquitectura as referências formais e conceptuais à moderna arquitectura da América Latina, paradigma da adaptação da linguagem do Movimento Moderno às condicionantes climáticas tropicais: grelhas de ventilação transversal, revestimentos cerâmicos, formas escultóricas de excepção a matrizes ortogonais, superfícies ondulantes ou estruturas realizadas com finas membranas de betão; a utilização de cores primárias e a integração de murais, pinturas ou esculturas isoladas denotam, por outro lado, a contemporânea preocupação com o papel central da arquitectura na criação de obras de arte total.

Angola e Moçambique tornam-se, no período que medeia entre o final da II Guerra Mundial e o 25 de Abril de 1974, terreno fértil para a livre difusão da nova arquitectura e, ao mesmo tempo, para a ortodoxa concretização dos seus axiomas funcionais e construtivos. Este fenómeno é melhor exemplificado pela análise de construções com especiais exigências programáticas, espaciais e tecnológicas, como os edifícios de

equipamentos colectivo. Ao longo desta comunicação, que tem a forma de um percurso poligonal entre as cidades de Maputo, Chimoio, Lichinga, Pemba, Nampula, Quelimane e Beira, serão observados obras filiadas na arquitectura do Movimento Moderno, projectadas por arquitectos portugueses residentes ou não nas antigas províncias ultramarinas. Esta pequena selecção por entre os edifícios de referência que pontuam os tecidos urbanos das actuais cidades moçambicanas é uma pequena amostra, pautada por critérios de natureza circunstancial, de um património arquitectónico existente de grande dimensão e qualidade.



Fig. 1 - Torre de Comando do Aeroporto Gago Coutinho, actual Aeroporto Internacional de Maputo (foto Elisiário Miranda, 2010).

O **Aeroporto Gago Coutinho**, actual Aeroporto Internacional de Maputo, localiza-se em Mavalane, a Norte da antiga Lourenço Marques. Os Serviços Técnicos, abrangendo a Torre de Comando, foram desenhados em 1953 e a Aerogare entre 1955 e 1960 e inaugurada em 1963, por Cândido Palma de Melo (1922-2003), arquitecto sediado em Lisboa, para o Serviço de Obras da Direcção Geral de Aeronáutica Civil. Sem alterações aparentes e em bom estado de conservação a sua aerogare será em breve demolida e substituída por uma nova construção².

A sua implantação, que está de acordo com o Plano Geral do Aeroporto de Lourenço Marques, aprovado em 1948, compreende um edifício de dominante vertical, a Torre de Comando, ligado ao nível térreo a um corpo longitudinal composto por um ritmo constante de naves abobadadas abrigando um espaço interior contínuo. O seu programa foi definido de acordo com as mais recentes tendências internacionais na matéria, com grande parte do primeiro piso da aerogare reservado a passageiros, bagagens e carga, e o segundo

aberto ao público em geral, ambos dispostos em torno de uma zona de pé-direito duplo central. Para além das estruturas de betão armado os sistemas construtivos utilizados recorrem à pré-fabricação de forma a diminuir custos e prazos de execução, como as coberturas em estrutura metálica e revestimento a chapa de alumínio. A adaptação climática é resolvida através de *fenêtres en longueur* protegidas por palas e *brise-soleil*, por entradas e passagens cobertas, lajes duplas na cobertura e ventilação transversal dos espaços. Segundo a memória descritiva do projecto a linguagem arquitectónica do edifício, um ícone moderno na entrada principal da Província, resulta *de todas as soluções encontradas e que expressa num jogo franco de volumes e materiais a intenção funcional de todo este conjunto.*



Fig. 2 - Filial do Banco Nacional Ultramarino, actual Banco de Moçambique, Maputo (foto Elisiário Miranda, 2009).

O novo edifício da filial do **Banco Nacional Ultramarino**, actual Banco de Moçambique, localiza-se na baixa de Maputo, em face da principal artéria da cidade. Desenhado por José Gomes Bastos (1914-1991), arquitecto sediado em Lisboa, teve esboço e ante-projecto em 1954, aprovação camarária em 1955, projectos em 1959 e 1960 e acompanhamento de obra pelo seu autor ao longo de várias deslocações a Moçambique. Foi inaugurado em 25 de Julho de 1964 pelo Presidente da República, à época o almirante Américo Tomás.

A sua implantação tem a forma de um “O” rectangular que ocupa três frentes de um quarteirão, destacando-se o volume Norte dos restantes três braços. Edifício de grande dimensão e complexidade programática contém diversas zonas funcionais que foram sendo definidas ao longo do processo de projecto e construção sobre uma organização

espacial em planta livre. Construído em betão armado utiliza materiais nobres de fabricação industrial ou extracção tradicional nos seus acabamentos. Edifício sede do banco emissor de moeda, com especiais exigências de representatividade, constitui um exemplo da aplicação de modelos e princípios arquitectónicos do Movimento Moderno, nomeadamente pela integração sintética de diversas obras de arte - sob a coordenação de José Bastos, por convite directo ou por concurso público local, contribuíram para esta *Gesamtkunstwerk* Querubim Lapa (painel de cerâmica na fachada principal), Manuela Madureira (esculturas do átrio principal), Estrela Faria (revestimento com mosaico de Murano da monumental escada helicoidal), Francisco Relógio (mural da conquista de Tânger gravado sobre mármore na parede Este do piso térreo), Rolando Sá Nogueira (painel a óleo do átrio do 1º andar), Malangatana (mural da Sala de Festas da Associação dos Empregados), Bertina Lopes, José Freire, João Aires e João Paulo.



Fig. 3 - Pavilhão da Mocidade Portuguesa e Copa da Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo, actual Escola Secundária Estrela Vermelha, Maputo (foto Elisiário Miranda, 2009).

A **Escola Técnica Elementar Governador Joaquim de Araújo** foi construída no bairro popular do Alto Maé para populações de fracos recursos económicos. Foi desenhada entre 1959 e 1961 por Fernando Mesquita na 1ª Repartição da Direcção do Serviço de Obras Públicas e Transportes em Lourenço Marques e construída entre 1962 e 1963. Continuando a apresentar grande parte da fisionomia original o edifício, onde funciona actualmente a Escola Secundária Estrela Vermelha, necessita de obras de manutenção relevantes.

A implantação da escola estrutura-se sobre uma malha ortogonal que, direccionada aproximadamente aos pontos cardeais, autonomiza a sua volumetria da quadrícula

urbana envolvente com uma diferente orientação geográfica. É composta por duas galerias térreas de circulação que articulam entre si os perpendiculares pavilhões tipo da administração, salas de aulas e ginásio, os espaços exteriores intercalares, os campos de jogos e a piscina. Integrada num programa mais vasto de construção escolar do governo provincial, constitui o edifício de maior dimensão e complexidade programática dentre as escolas suas contemporâneas. Foi edificada segundo métodos construtivos estandardizados de baixo custo: estrutura de pilares e vigas de betão, paredes exteriores em pedra artificial, caixilharias exteriores em aço e vidro, coberturas duplas ventiladas revestidas com chapas de fibrocimento assentes em estruturas de metal ou madeira, etc. A sua linguagem, referida à arquitectura do Movimento Moderno internacional, resulta do controle do desenho pelos factores de ordem económica e construtiva, e pela rigorosa resolução dos problemas de incidência solar, protecção das intempéries e exposição às correntes de ar dominantes.



Fig. 4 - Antigo edifício da agência e habitações dos funcionários da Delegação do Banco Nacional Ultramarino, Chimoio (foto Elisiário Miranda, 2010).

As instalações do **Banco Nacional Ultramarino** em Vila Pery, actual Chimoio, ocuparam duas frentes de um quarteirão central da cidade. Foram projectadas em 1956 por Paulo de Melo Sampaio (1926-1968), arquitecto com escritório na Beira, e inauguradas em 1959. A residência, em bom estado de conservação, permanece habitada mas o edifício da agência bancária, devoluto, será brevemente objecto de uma remodelação profunda. A localização dos três edifícios autónomos que compõem a Delegação resulta de considerações de representatividade e ventilação de cada um deles: o bloco contendo a agência e as habitações dos funcionários ocupa a frente à avenida principal, com uma

altimetria capaz de ombrear com as novas construções envolventes; a Residência do Gerente, um edifício de dois pisos que abre sobre a rua transversal beneficia, em conjunto com o primeiro, dos ventos dominantes de Nascente; os Anexos, pequenas habitações de um piso organizadas em torno de pátios centrais, implantam-se no fundo do terreno, intencionalmente isoladas da restante Delegação. Os dois edifícios principais foram construídos com estruturas de betão e paredes duplas de tijolo vazado e os anexos com blocos de betão; os revestimentos utilizados na agência, mármore no pavimento, mosaicos de vidro nos balcões e paredes, alumínio em grades e caixilharias procuram - em conjunto com o ritmo vertical da estrutura que expressa nas fachadas a divisão das habitações dos funcionários, e com o jogo de claro-escuro das varandas e da pala que subdivide a projecção exterior do pé-direito duplo -, acentuar a sobriedade e representatividade institucionais da primeira agência bancária de Vila Pery.



Fig. 5 - Prédio Montalto, Chimoio (foto Elisiário Miranda, 2010).

O **Prédio Montalto** e o **Cinema Montalto**, ocupam dois lotes centrais de Vila Pery, actual Chimoio. Empreendimentos da Companhia de Construções Montalto foram igualmente desenhados por Paulo de Melo Sampaio (1926-1968).

O edifício de comércio e habitação foi projectado em 1957 e construído entre 1958 e 1960. Embora bastante degradado cumpre ainda a sua função original. O cinema, uma sala de espectáculos para 780 espectadores edificada entre 1961 e 1963, teve um primeiro projecto em 1957, radicalmente alterado em 1960. Também bastante degradado é utilizado hoje em dia pelo Centro Cultural Académico do Instituto Superior Politécnico de Manica.

O **Prédio Montalto** é um bloco de seis pisos com o andar térreo comercial abrindo para a Av. 25 de Setembro, e os dois pisos de habitação servidos por galerias nas traseiras, acessíveis através de escadas inscritas nos topos do edifício. Na cobertura em *toit terrace* um conjunto de alvéolos abobadados contém os lavadouros, sanitários e habitações para os *serviçais indígenas*. Estes volumes rematam o ritmo de pilares e pilastras que, interrompendo a dominante horizontal das montras, das *fenêtres en longueur* e das palas, expressam no alçado principal a compartimentação estrutural do edifício.

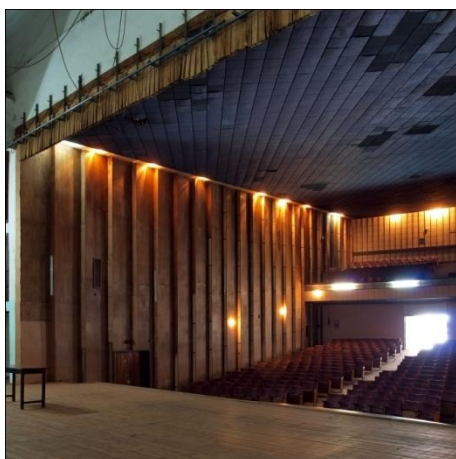


Fig. 6 - Interior do Cinema Montalto, Chimoio (foto Elisiário Miranda, 2010).

O **Cinema Montalto** compõe-se de dois elementos distintos, um prisma rectangular contendo o palco e respectiva teia, e um volume de cobertura oblíqua e forma trapezoidal compreendendo uma sala de espectáculos com fosso de orquestra, plateia e balcão, enquanto a cabine de projecção, os escritórios e o átrio de entrada ocupam uma faixa contígua à fachada Oeste, lado maior deste volume em leque. Elemento de referência no tecido urbano da cidade este alçado subdivide-se em dois elementos: um pano superior opaco, ligeiramente balançado, que constitui uma tela para a inserção de elementos gráficos desenhados com seixos colados sobre argamassa; uma caixilharia inferior metálica que dá acesso ao átrio do cinema, onde convergem as entradas para a sala de espectáculos e sanitários, e para onde abre a bilheteira que se prolonga no exterior num volume revestido a pastilha cerâmica policroma formando motivos geométricos abstractos.



Fig. 7 - Palácio das Repartições, actual Governo do Niassa, Lichinga (foto Elisiário Miranda, 2009).

O **Palácio das Repartições** de Vila Cabral, actual Lichinga, localiza-se num quarteirão confinante com a praça central da povoação. Foi projectado por João José Tinoco (1924-1983) e Maria Carlota Quintanilha (n.1923), casal de arquitectos residente em Lourenço Marques, e inaugurado no início dos anos 60. O encerramento do piso térreo do volume maior constitui a maior alteração sofrida por este edifício que, num estado razoável de conservação, alberga as instalações da sede do Governo do Niassa.

A sua implantação, resultante da geometria do terreno, é composta por dois volumes isolados, aproximadamente perpendiculares, articulados por uma passagem irregular. O volume maior está ocupado com os espaços administrativos e de atendimento público enquanto o volume menor, com entrada autónoma por escada helicoidal, contém os gabinetes do Governador e do Inspector e a Sala de Sessões Solenes. Na sua construção, com estrutura de betão armado, foram utilizados sistemas construtivos tradicionais e elementos industriais standardizados. Suspensão dos volumes em *pilotis*, lajes e empenas oblíquas, coberturas em borboleta, extensos *pan de verre* protegidos por *brise-soleil*, relacionam-no com a contemporânea arquitectura brasileira e exprimem a modernidade do Estado no octógono central da cidade.



Fig. 8 - Palácio das Repartições, actual Governo de Cabo Delgado, Pemba (foto Elisiário Miranda, 2010).

O **Palácio das Repartições** de Porto Amélia, actual Pemba, localiza-se na zona de expansão da cidade na cota alta. Datado do período entre 1965 e 1970 foi, tal como o seu congénere de Lichinga, desenhado por João José Tinoco e Maria Carlota Quintanilha. Em bom estado de conservação alberga actualmente as instalações da sede do Governo de Cabo Delgado.

Tal como no equivalente edifício do Niassa a sua implantação baseia-se na articulação de dois volumes dispostos em ângulos oblíquos interligados por uma passagem superior, uma definição planimétrica que em Pemba relaciona o edifício com a malha urbana envolvente. O corpo de três pisos, um bloco massivo e predominantemente opaco do lado Sul, aberto do lado Norte por *fenêtres en longueur* protegidas por palas verticais, contém os gabinetes dos funcionários e o atendimento público; o corpo de dois pisos, um prisma rectangular suspenso em *pilotis* e com entrada autónoma por uma escada helicoidal, engloba os espaços reservados aos dirigentes governamentais. Nas duas fachadas maiores deste segundo volume afirma-se o carácter representativo do conjunto: a Poente, através do jogo de claro-escuro obtido pela alternância de cheios, vazios e variações cromáticas e texturais; a Nascente, pelo padrão de claro-escuro do *brise-soleil* que protege toda a extensão do alçado virado à Av. 16 de Junho, principal espaço de percepção urbana do edifício.



Fig. 9 - Bloco Operatório do Hospital Central de Nampula (foto Elisiário Miranda, 2010).

O **Hospital de Egas Moniz**, localizado num quarteirão anexo à antiga Pr. Infante D. Henrique, actual Pr. da Liberdade, abriu ao público em meados da década de 60; foi construído no âmbito do Quadro Complementar das Construções Hospitalares segundo um projecto da 1ª Repartição da Direcção do Serviço de Obras Públicas e Transportes, possivelmente da autoria de Francisco da Costa Feio Assis (n.1915) e Luís de Vasconcelos (1927-2003). Actual Hospital Central de Nampula apresenta no exterior aparentes sinais de degradação construtiva.

Compõe-se de uma sequência de quatro edifícios principais e respectivas rampas de acesso, dispostos no sentido Noroeste/Sudeste e unidos entre si por elementos transversais de menor dimensão. Os corpos paralelos dos Laboratórios e do Bloco Operatório afirmam o alinhamento central do conjunto, indiciando a sua possível relação com um desenho urbano mais vasto, enquanto o da Administração é perpendicular ao enfiamento visual da Av. Paulo Samuel Kankhomba, a Noroeste, e o de Internamento, cujo último segmento nunca foi construído, desenha um movimento sinuoso paralelo à Rua de Tete, a Sudeste. Construído em betão armado, no revestimento das suas superfícies interiores foram extensivamente utilizados materiais de baixo custo e grande adequação à função hospitalar. A volumetria fragmentária do hospital, estrutural e geometricamente ordenada segundo uma métrica modular constante, pontualmente interrompida por elementos plásticos de excepção, é exuberantemente unificada pelo repertório formal do Movimento Moderno internacional do segundo pós-guerra - *pilotis*, *fenêtres en longueur*, *brise-soleil*, palas, grelhas, etc. Em conjunto com os antigos Liceu Gago Coutinho, Escola Industrial e Comercial Neutel de Abreu e Edifício da Companhia

de Seguros Nauticus, define uma triangulação de equipamentos coetâneos de linguagem moderna no tecido urbano de Nampula.



Fig. 10 - Monteiro & Giro - Hotel Chuabo, Quelimane (foto Elisiário Miranda, 2009).

Os empreendimentos da empresa portuguesa **Monteiro & Giro** compreendem as suas instalações em Quelimane, ocupando um quarteirão central fronteiro ao Rio dos Bons Sinais, e o núcleo residencial da **Fábrica de Cerâmica**, localizado na periferia da cidade. Foram projectados pelos arquitectos do Porto Arménio Losa (1908-1988) e Cassiano Barbosa (1911-1998), com acompanhamento de obra pelo arquitecto local Eduardo Figueirinhas Correia.

O complexo multifuncional urbano teve o seu primeiro programa definido em 1954, anteprojecto em 1955 e projecto em 1956, ano de inicio da construção, concluída em 1966. Encontra-se em processo de progressivo abandono e contínua degradação, a que não escapa o edifício do **Hotel Chuabo**.

Caracteriza-se exteriormente por uma sequência de quatro prismas rectangulares autónomos: um edifício de função turística, o Hotel Chuabo, e três edifícios de comércio, escritórios e habitação, unificados por uma base volumétrica irregular de dois pisos que define os limites do quarteirão. Neste embasamento uma estação de serviço / stand de máquinas e automóveis abre para a passagem de peões a Norte e um armazém ocupa o miolo do quarteirão. A coesão formal do conjunto é garantida pela utilização de uma linguagem arquitectónica filiada no vocabulário da arquitectura moderna internacional dos anos 50 – coberturas planas, *fenêtres en longueur*, *brise-soleil*, amplas palas de sombreamento, utilização de revestimentos cerâmicos – azulejos e tilojeiras - com os quais, principalmente no hotel, se combinam elementos decorativos característicos da

arquitectura dos anos 60. Em conjunto com o vizinho edifício do Banco de Moçambique, antigo BNU, constitui a mais importante referência monumental do perfil urbano de Quelimane.



Fig. 11 - Monteiro & Giro – Messe da Fábrica de Cerâmica, Quelimane (foto Elisiário Miranda, 2009).

O complexo fabril tem projecto de 1958 sobre ante-projecto anterior, tendo as obras sido concluídas em 1960. A fábrica encerrou a sua actividade na primeira década de 2000, os cinco edifícios residenciais existentes apresentam alterações diversas e os compartimentos interiores do edifício da messe estão em ruínas.

Sobre uma malha urbana simples, que serve também a fábrica pré-existente, previa-se a implantação de doze blocos de habitação geminada e um de apartamentos, este último ligado por um percurso coberto a uma messe e lavandaria. Os edifícios habitacionais, com o primeiro piso vazado e o segundo acessível por escultóricas escadas de betão, desenvolvem-se no interior de malhas aparentes de pilares cujos pórticos, parcialmente encerrados por paredes, caixilhos ou grelhas cerâmicas, são cobertos por duas lajes planas, a superior das quais em forma de telhado de duas águas. A messe e lavandaria organizam os seus espaços interiores e exteriores, desenhados com grande liberdade formal e qualidade espacial, sob um baldaquino de planta quadrada resultante da intersecção de quatro abóbadas oblíquas de betão, princípio estrutural que denota uma possível influência da obra de Félix Candela.



Fig. 12 - Agência do Banco Nacional Ultramarino, actual Banco de Moçambique, Quelimane (foto Elisiário Miranda, 2009).

A antiga agência do **Banco Nacional Ultramarino** em Quelimane ocupa três lados de um quarteirão situado nas traseiras da Igreja de Nossa Senhora do Livramento, em frente ao Rio dos Bons Sinais. Foi desenhado por Francisco José de Castro (n.1923) nos seus escritórios da Beira e de Lisboa - esboçeto em 1960, novos esboçetos e ante-projecto em 1962, projecto em 1964 e acompanhamento de obra, com o arquitecto Mário Couto Jorge (n.1923), desde 1967 até à inauguração em 1972. Necessita de obras de manutenção no exterior, previstas para breve, e o seu interior, que contém as instalações do Banco de Moçambique e de um departamento do Governo Provincial da Zambézia, sofreu a separação de parte do entre-piso e a subdivisão do grande *hall* de atendimento público. Procurando ombrear em imponência com o empreendimento Monteiro & Giro, que a ladeia a Poente, tem uma volumetria composta por um bloco rectangular, disposto paralelamente ao rio e obliquamente em relação aos ventos dominantes, autonomizado através de um piso vazado de uma base de maior superfície, parcialmente assente em *pilotis*. Os dois primeiros pisos contêm zonas de trabalho e gabinetes, dispostos em torno de uma grande sala de atendimento público com pé-direito duplo, enquanto os seis pisos da torre permitem a disposição em *plan libre* dos arquivos, centro lúdico da Associação dos Empregados e residências do Gerente e da Administração. Foi construída com uma estrutura mista de betão e alvenaria de blocos de cimento, revestida com mármore e cerâmicas e encerrada por caixilharias metálicas protegidas por grelhas, persianas e *brise-soleil* fixos. No projecto foram sendo incorporados, para além do equipamento para os gabinetes e habitações dos funcionários superiores, escolhidos e desenhados por Francisco de Castro, diversas obras de arte – como a escultura na fonte por Jorge

Mealha, a tapeçaria de Arraiolos da sala de público e os azulejos da empena por João Aires, o painel de azulejos do salão de festas e o quadro a óleo do bar por João Paulo -, elementos que, em conjunto com uma linguagem filiada na arquitectura do Movimento Moderno, conferiam a desejada representatividade à terceira mais lucrativa agência do BNU em Moçambique.



Fig 13 - Entrada da Igreja do Imaculado Coração de Maria, Beira (foto Elisiário Miranda, 2009).

A **Igreja do Imaculado Coração de Maria** localiza-se no projectado Centro Cívico do Bairro da Manga, na periferia Norte da cidade da Beira. Com desenho definido no início de 1955 pelo arquitecto beirense João Garizo do Carmo (1917-1974), a obra foi inaugurada em 1957. Num estado de conservação razoável, continua a desempenhar a sua função original.

Implantada diagonalmente ao quarteirão em que se insere, de acordo com o plano de urbanização do arquitecto Nuno Craveiro Lopes, a sua volumetria compõe-se de uma nave parabólica à qual se prendem um baptistério de cobertura ondulante e uma torre sineira de forma orgânica. A organização programática do seu espaço interior, com coro alto, assembleia e capela-mor destacada, não revela ainda a concepção do espaço único comunitário preconizado pelos movimentos de renovação litúrgica procurando apenas ser, segundo o seu autor, *um recinto em que os fiéis possam assistir ao culto que se celebra no altar, ficando este em evidência*. Construída em betão sobre um embasamento de pedra, procurou-se integrar na sua concepção arquitectónica a estatuária de Arlindo Rocha, a cerâmica policroma e os vitrais de Jorge Garizo do Carmo. Publicitada na imprensa local contemporânea como sendo simultaneamente a primeira igreja moderna da Província e um plágio da Igreja de Pampulha, teve uma fotografia sua publicada na

National Geographic de Agosto de 1964 com a seguinte legenda: *Soaring concrete curves outline a church in Manga, a Beira suburb. Stylized African mural decorates the arch-shadowed façade. The church, which also has bottle-glass mosaics, expresses the spirit of modern architecture in Mozambique.*

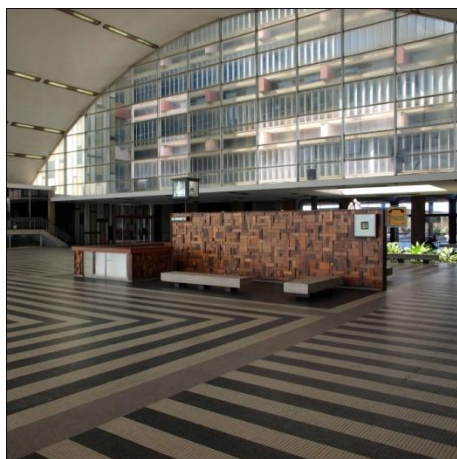


Fig. 14 - Átrio da Estação dos Caminhos de Ferro da Beira, actuais Caminhos de Ferro de Moçambique, Beira (foto Elisiário Miranda, 2009).

A **Estação dos Caminhos de Ferro** da Beira localiza-se a Norte do centro da cidade, dela separada pelo Chiveve. Inaugurada em 1 de Outubro de 1966, no 17º aniversário da passagem do porto da Beira para a administração do Estado, foi desenhada por uma equipa de três arquitectos sedeados na Beira, Francisco José de Castro (n.1923), Paulo de Melo Sampaio (1926-1968), também responsável pelo acompanhamento da obra, e João Garizo do Carmo (1917-1974), ao longo das fases de concurso em 1957, ante-projecto em 1959, e projecto em 1960. Propriedade dos Caminhos de Ferro de Moçambique, encontra-se num razoável mas preocupante estado de conservação.

Sede dos CFB e terminal de duas linhas para o *hinterland* africano implanta-se sobre as instalações ferroviárias pré-existentes, entre a zona portuária e a malha ortogonal do Plano de Urbanização de José Luís Porto (1883-1965) e Ribeiro Alegre. É composta pela articulação assimétrica de três zonas volumétricas, funcionais e espaciais distintas: na frente uma nave parabólica cobre o átrio principal e os espaços que o servem; no centro um prisma rectangular assente em *pilotis* encerra 7 pisos de escritórios em *plan libre*; nas traseiras um conjunto de lajes oblíquas e abobadadas cobrem a zona das plataformas e os espaços de apoio ao cais. Com cálculos de betão armado pelo eng. Moreno Ferreira, o seu sistema construtivo recorre predominantemente a componentes de produção

industrial. Revelando influências da moderna arquitectura brasileira, a imagem exterior deste *ex-libris* da cidade caracteriza-se pelo arco da cobertura do átrio, pelo *brise-soleil* da fachada principal e pelos revestimentos em pastilha cerâmica formando murais abstractos.

A arquitectura do Movimento Moderno, que segundo a teorização Corbusiana se destinava à construção de uma harmonia social utópica, contém as qualidades universais que a tornaram paradoxalmente adequada aos sistemas produtivos industriais e à expressão de contemporaneidade das sociedades coloniais das antigas províncias ultramarinas portuguesas. Através das suas icónicas qualidades de firmeza e modernidade os exemplos seleccionados simbolizaram, em evidente contradição com o conteúdo das suas formas arquitectónicas, o unívoco desejo de permanência que informou a utopia identitária do regime do Estado Novo – o da nação portuguesa enquanto entidade pluricultural, pluriracial e pluricontinental.

¹ Assistente da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, em processo de elaboração de dissertação de doutoramento com o título *Liberdade e Ortodoxia: Equipamentos colectivos de arquitectura moderna nas colónias portuguesas, 1926-1974*, e investigador integrado no Projecto de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia com a referência PTDC/AUR-AQI/103229/2008 e o título *EWV_Visões cruzadas dos mundos: arquitectura moderna na África Lusófona (1943-1974) vista através da experiência Brasileira*.

² A demolição da aerogare foi concluída em Abril de 2011.